



IMPORTÂNCIA DO ESTUDO ETNOFARMACOLÓGICO NA OBTENÇÃO DE NOVOS FÁRMACOS

Rafael Augusto Lopes¹
Ton Cruze Patricio Gomes²

Palavras chave: estudo etnofarmacológico, etnofarmacologia, conhecimento etnofarmacológico

A seleção etnofarmacológica de plantas para pesquisa e desenvolvimento (P&D), baseada na alegação feita por seres humanos de um dado efeito terapêutico em seres humanos, pode ser um valioso atalho para a descoberta de fármacos. Neste contexto, o uso tradicional pode ser encarado como uma pré-triagem quanto à propriedade terapêutica o que não descarta o potencial efeito tóxico deste tratamento. Mesmo em casos em que se conhece o mecanismo de ação desejado e se tem o ensaio *in vitro* apropriado para detectá-lo, a maior parte dos compostos que eventualmente interagem com a enzima ou o receptor em questão não é, infelizmente, biodisponível ou quando o é, acaba por demonstrar toxicidade inesperada em humanos. Bruhn e Holmsted (1981) definem etnofarmacologia como a “exploração científica interdisciplinar de agentes biologicamente ativos, tradicionalmente empregados ou observados pelo homem”. O estudo etnofarmacológico tem grande importância nos dias atuais, pois, é por meio deste que se é capaz de entender os métodos de tratamentos farmacológicos através de plantas medicinais que são passados através das gerações por meio do conhecimento empírico adquirido pelos nossos antepassados. No Brasil, se levarmos em consideração a ampla diversidade de espécies vegetais, o uso de plantas medicinais é muito relevante, pois, pela extensão territorial e os diversos biomas existentes, pode-se obter uma grande diversidade de usos para uma mesma planta medicinal, ou até mesmo a existência de plantas características de determinada região que possuem efeitos farmacológicos terapêuticos desejados. Um dos métodos de análise de conhecimento etnofarmacológico é por meio da aplicação de questionários com o objetivo de entender os conhecimentos de certa população, avaliando as principais plantas indicadas e seus respectivos usos medicinais, comparando então com o que já foi descrito na literatura científica ou até mesmo propiciando o conhecimento de novos efeitos de determinada planta medicinal, despertando assim um interesse na obtenção de um novo tratamento para a doença, a partir disto são realizadas pesquisas laboratoriais preliminares que visam entender se é viável ou não a continuação do estudo, pois, muitas das vezes o que é encontrado possui caráter tóxico quando se está refinado evitando assim uma perda consequente de dinheiro. Entretanto, vale destacar que a Etnofarmacologia, por se basear em alegações de utilidade terapêutica e não em determinado perfil químico das espécies, é particularmente útil no caso de categorias de doenças cujo mecanismo da patologia não é bem conhecido. Sendo assim o principal interesse da ciência pelo conhecimento tradicional se dá pelo fato destes ser um acúmulo de informações que são resultado da observação sistemática de fenômenos realizados por pessoas que em sua maioria não possuem grau de escolaridade, mas que possuem um conhecimento tão elevado quanto de alguns cientistas. Sendo assim os levantamentos etnofarmacológicos possuem um papel importantíssimo no resgate destes conhecimentos, porque a partir destes estudos que se dá à confirmação dos reais efeitos e indicações do uso de plantas medicinais.

BIBLIOGRAFIA:

BRUHN, J; HOLMSTEDT, B. “Ethnopharmacology, objectives, principles and perspectives. In: J. L. BEAL; E. REINHARD.” **Natural products as Medicinal Agents, Hippokrates Verlag, Stuttgart**, 1981, p. 405-430. Disponível em: <<http://agris.fao.org/agris-search/search.do?recordID=US201302637640>>. Acessado em: 05 Ago. 2018.

ELISABETSKY, E. “Etnofarmacologia” **Ciência e Cultura**, 2003 vol.55 no.3 São Paulo. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000300021>. Acessado em: 05 Ago. 2018.

MESSIAS, M.C.T.B. et al. “Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil.” **Revista Brasileira Plantas Medicinais**, 2015, Campinas, v.17, n.1, p.76-104. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v17n1/1983-084X-rbpm-17-01-00076.pdf>>. Acesso em: 05 Ago. 2018.

¹ Acadêmico do curso de Farmácia CEULJI/ULBRA algusto38@gmail.com

² Acadêmico do curso de Farmácia CEULJI/ULBRA ton_patricio@hotmail.com